

ESCOLA E VERDADE, CURRÍCULO E COMPLEXIDADE

Ana Lúcia Fernandes de Araújo, UNIARAXÁ

Maria Celeste de Moura Andrade, UNIARAXÁ
celmoura@terra.com.br

Ao longo do curso de Pedagogia (2003-2005), muitos questionamentos foram atravessando minha formação como educadora, paralelamente à minha prática como professora no ensino fundamental. Um deles foi relativo à questão do conhecimento instituído como “verdades” nas escolas e o outro à idealização da missão educacional. A idéia veiculada nas escolas de que se educa para “formar cidadãos críticos e conscientes de seu *verdadeiro* papel na sociedade” há muito me inquietava, pela sua constância no discurso dos professores/as. Um discurso repetido como uma cacofonia, como se houvesse uma certeza sobre esse papel e sobre as formas de implementá-lo.

Os questionamentos surgiram daí: Será isso possível? De que forma as escolas trabalham para formar cidadãos? Existe uma fórmula ideal, autônoma e consciente, para empreender tal formação? Quem ou o quê a garantem? Como se inserem os/as professores/as e os/as alunos/as neste contexto? Daí surgiu o interesse em investigar mais profundamente estas questões, já que minha hipótese era a de que nem a educação nem a sociedade podem ser pensadas como um modelo único e pré-determinado.

Da necessidade de pensar educação e sociedade num contexto mais complexo, que envolvesse a teia de relações e a (re) construção contínua dos/as envolvidos/as é que surgiu esse trabalho, apresentado, ao final do curso de Pedagogia, sob a forma de uma monografia baseada na pesquisa bibliográfica. Nela abordamos numa perspectiva pós- crítica, o tema **Escola e verdade, currículo e complexidade**, com o objetivo de analisar até que ponto é possível à escola trabalhar um modelo de educação e de sujeito social.

Procurei fundamentar minha argumentação em autores que me ajudassem a (re) pensar as formas institucionalizadas de produção dos sujeitos via currículos escolares, como Tomaz Tadeu da Silva (1999a e b), ou que, como Isabel Petrágliã (1995), abordassem a amplitude e diversidade do conhecimento, por demais

simplificada nos mesmos.

Esses autores me possibilitaram inferir o ser humano e a educação numa perspectiva muito mais complexa do que fazia anteriormente, e a pensar a necessidade dos cursos de formação de professores abrirem espaço para o questionamento sobre as formas estáticas de se pensar o currículo.

No primeiro capítulo do trabalho, analisei as concepções moderna e pós-moderna de conhecimento, distinguindo a linearidade da primeira e a profunda desconfiança da segunda sobre as certezas da primeira em relação à razão, liberdade, igualdade e cidadania.

A modernidade invoca a racionalidade e o positivismo como garantias de progresso social e conhecimento verdadeiro, já que visa formar um sujeito racional, livre, autônomo, e soberano, fundamentalmente centrado e unitário.

No segundo capítulo, abordei alguns questionamentos sobre os currículos da modernidade e sua pretensão de veicular verdades sobre a vida e o mundo, introduzindo o jogo saber/poder em que elas se inserem, apontado pela análise pós-crítica. Com ela, tento mostrar como os currículos têm seus efeitos na própria sala-de-aula, definindo os papéis de professores/as e alunos/as, incluindo e excluindo saberes e indivíduos, legitimando diferenças, produzindo hierarquias e processando identidades. Tento mostrar também que o currículo não pode ter um papel finalizador, pois isso nos remeteria a uma conclusão, e, não estamos em tempos de “concluir” ou “fechar” as finalidades educativas, mas de problematizá-las.

Por entender o *construtivismo* numa perspectiva de fluidez e mudança, introduzi, no terceiro capítulo, uma reflexão sobre a *pedagogia de projetos* como uma das possibilidades de se rever a rigidez curricular. Estes fundamentos fui buscar em Fernando Hernández e Montserrat Ventura (1998), que trazem a problemática do *conhecimento como caleidoscópio* para o contexto da sala de aula, local privilegiado de consolidação dos currículos, e, por isso mesmo, onde mais precisam ser (re) pensados. Sua contribuição é significativa para o novo sintagma de educação introduzido pelas concepções pós-críticas, em que saber conteúdos não basta, é preciso fazer conexões entre o que se aprende e a complexidade do mundo, que não aceita fórmulas simplistas e não se reduz a conceitos prontos e acabados.

Em seguida, senti necessidade de que a abordagem da pesquisa

enveredasse pelo caminho das identidades, já que os currículos são produtores das mesmas. As salas-de-aula estão repletas de exemplos de discriminação, envolvendo situações étnicas, raciais, de gênero, sexo ou idade, que os discursos sobre igualdade, respeito e boa convivência não têm conseguido resolver. É que esses discursos enfatizam as diferenças como algo a ser tolerado e não problematizam a forma como as diferenças foram sendo configuradas como tal. Propõe-se, então, a necessidade do currículo veicular espaços de abertura para se discutir como são produzidas historicamente as relações sociais, para se rever continuamente a produção da diferença no próprio espaço escolar.

Incluimos então, no estudo, a proposta de um *pensar quëer*, proposto por Guacira Lopes Louro (2004), no âmbito educacional, no sentido de um estranhamento das atitudes hegemônicas e de identidades fixas, inerentes ao pensamento da modernidade, e a busca, através dos caminhos da pós-modernidade, de novas posturas, mais inquietas, descentradas e fluidas, inconformadas com um currículo estático e linear.

Referências:

HERNÁNDEZ, F. & MONTSERRAT, V. A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. 5. ed. Porto Alegre: Armed, 1998.

LOURO, G. L. Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETRÁGLIA, I. C. Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, T.T. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999^a.

SILVA, T. T. Currículos e cultura como prática de significação. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b.